

O TERRITÓRIO COMO EXPERIÊNCIA: ENSAIO DE GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Antonio Bernardes

Universidade Federal Fluminense, Goytacazes, Rio de Janeiro

antoniobernardes@id.uff.br

Felipe Aguiar

Universidade Federal Fluminense, Goytacazes, Rio de Janeiro

felipeaguiar@id.uff.br

Resumo

O território tem sido comumente abordado na Geografia brasileira vinculado as discussões de relações de poder e como estas se objetivam no mundo e, por conseguinte, como formas organizativas do mundo que são empreendidas por instituições e Estados. Sem dúvida que esta é uma discussão pertinente e de grande relevância para a contemporaneidade e aos estudos geográficos. Contudo, pensamos que ontologicamente essas discussões devem ser precedidas pela compreensão dos modos como podemos experimentar os territórios. Abordar o território sob esta ótica é considera-lo como vivido e experienciado pelo ser-no-mundo como um dos seus modos de ser, no lugar, havendo a territorialidade. Com isto não podemos deixar de apreciar a existência dos Outros nesta relação como aqueles que possuem a mesma capacidade de ensinar intencionalidades e se espacializar, tal como nós. A partir disso, a fronteira se estabelece pelo e no encontro irremediável que temos com os Outros no cotidiano que, uma de suas formas factuais, é a corporeidade. Posto isso, ao final deste ensaio, buscamos refletir brevemente acerca de um dos modos de ser contemporâneo, os territórios e a corporeidade quando nossas relações são mediadas pela Internet.

Palavra-chave: Fenomenologia. Lugar. Fronteira. Outro. Corporeidade.

THE TERRITORY AS EXPERIENCE: EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL GEOGRAPHY ESSAY

Abstract

The territory has been commonly approached in Brazilian Geography linked to discussions of power relations and how they are objectified in the world and, therefore, as organizational forms of the world that are undertaken by institutions and states. Undoubtedly, this is a pertinent discussion of great relevance to contemporaneity and geographical studies. However, we think that ontologically these discussions must be preceded by understanding the ways we can experience territories. To approach the territory from this perspective is to consider it as lived and experienced by the being-in-the-world as one of its ways of existing, in the place of territoriality. So, we have to appreciate the existence of the Others in this relationship as those who have the same capacity to give rise to intentionality and to spatialization, as we do. From this, the frontier is established by and in the irremediable encounter that we have with the Others in daily life, which, one of its factual forms, is corporeality. At the end of this essay, we seek to reflect briefly on one of the contemporary ways of being, territories and corporeality when our relationships are mediated by the internet.

Keyword: Territory. Place. Frontier. Other. Corporeality.

EL TERRITORIO COMO EXPERIENCIA: PRUEBA DE GEOGRAFÍA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Resumen

Él territorio se ha abordado comúnmente en la geografía brasileña vinculada a las discusiones sobre las relaciones de poder y cómo se objetivan en el mundo y, por lo tanto, como formas organizativas del mundo que se llevan a cabo por instituciones y estados. Indudablemente, esta es una discusión pertinente de gran relevancia para la contemporaneidad y los estudios geográficos. Sin embargo, creemos que ontológicamente estas discusiones deben ir precedidas de la comprensión de las formas en que podemos experimentar los territorios. Acercarse al territorio desde esta perspectiva es considerarlo como vivido y experimentado por el ser-en-el-mundo como una de sus formas de existir, en el lugar de la territorialidad. Entonces, tenemos que apreciar la existencia de los Otros en esta relación como aquellos que tienen la misma capacidad de dar lugar a la intencionalidad y la espacialización, como lo hacemos nosotros. A partir de esto, la frontera se establece por y en el encuentro irremediable que tenemos con los Otros en la vida diaria, que, una de sus formas fácticas, es la corporalidad. Al final de este ensayo, buscamos reflexionar brevemente sobre una de las formas contemporáneas de ser, territorios y corporeidad cuando nuestras relaciones están mediadas por internet.

Palabras clave: Territorio. Lugar. Frontera. Otro. Corporalidad.

Introdução

O território tem sido comumente abordado na Geografia brasileira relacionado às discussões de relações de poder e seus respectivos exercícios e objetivação no mundo. A abordagem mais comum se aproxima de uma espécie de diferenciações de áreas conformadas pelas extensões destas relações de poder. Tais concepções podem ser notadas quando se busca entender as territorialidades de certos atores hegemônicos, instituições e Estados. Mais recentemente, desde 1990, algumas concepções de território passaram a considerar, também, os aspectos subjetivos e simbólicos das territorialidades e suas novas formas organizativas passando a abordá-las por sua multiplicidade em uma mesma área ou mesmo pela sua configuração reticular. As fronteiras, para estas diferentes concepções, ocorrem, principalmente, pelos conflitos.

Não há dúvidas quanto à pertinência e relevância dessas concepções de território e territorialidade para a contemporaneidade e aos estudos geográficos. Todavia, a prevalência de particulares e universais para o desenvolvimento de conceitos e categorias de território colocou de lado o modo como podemos experimentar e viver os territórios na cotidianidade.

Investigar a experiência do território é trazer ao debate o território como vivido e experienciado pelo *ser-no-mundo* considerando as intencionalidades no lugar. A territorialidade indica, justamente, a situação em que está o *ser-no-mundo* num conjunto de relações próximas com os *Outros* e com os objetos no mundo.

O encontro com o *Outro* pode ocorrer tanto pela manualidade e ocupação, mediado pelos objetos, ou pela preocupação, que é o encontro com o *Outro* de modo factual, em presença. Para este último caso, o “*Outro*” é considerado como aquele que possui a mesma capacidade de ensejar intencionalidades e de se espacializar, tal como nós. A partir disso, a fronteira não se estabelece e se reforça tão e somente pelos conflitos, porque esta é apenas uma de suas características, a sua essência é o encontro irremediável que temos com o *Outro* no cotidiano.

A corporeidade é um dos modos como estabelecemos as fronteiras com o *Outro*, pois ela é onde há os territórios em que os *Dasein* se fazem presentes um ao *Outro*, havendo o encontro. A condição corpórea do *Dasein* demarca o seu corpo em relação aos *Outros* e ele experiencia a fronteira enquanto qualidade de sua condição corpórea, pois as suas experiências se corporificam sendo corporeidade, ou seja, se tornam parte da história do *Dasein* que as experienciam. Com isso, deixamos uma questão: **como ficariam os territórios e a corporeidade quando nossas relações são mediadas pela Internet?** Esta é uma problemática que discutiremos mais ao final deste ensaio, pois antes de chegarmos lá se faz necessário a discussão do território, da corporeidade e da fronteira como experiência, situando o *Dasein* em seu devido lugar, no mundo, segundo algumas concepções que nos permitirão compreendê-lo em seus aspectos essenciais.

Ser-no-mundo e o lugar

O ser humano vive e escreve no corpo da Terra a sua história junto com a de sua época. Vivendo a Terra, o ser humano se faz e descobre, desvela, constrói, destrói e reconstrói o seu mundo circundante (DARDEL, 2011). O humano vive um espaço diferente do espaço geométrico, estritamente racional. O espaço vivido pelo ser humano é o espaço geográfico, como bem salientou Dardel: “o espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados [...] o espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Saara, Mediterrâneo [...]” (DARDEL, p. 2, 2011).

O espaço geográfico é dotado de vida, ou melhor, de existências – humanos vivendo e conhecendo o mundo onde estão situados. O espaço geográfico é e está no *Dasein*, porque é inerente à existência. Em outro trabalho (BERNARDES, 2016, p. 32-33),

se baseando em Heidegger, partiu da seguinte indagação: o que é o *Dasein*?

Quem é o *Dasein* para Heidegger? Ele (HEIDEGGER, 2011, p. 42) define o *Dasein* como “esse ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar”. Em outras palavras, o *Dasein* é o homem que somos considerando tanto seus aspectos objetivos como subjetivos e que possuem a capacidade de questionar outros entes que não são, assim como o ente que ele é.

O *Dasein* estrutura seus próprios modos de ser (CARDINALI, 2012; HEIDEGGER, 2015) se orientando (distanciamento e proximidade) não só pelo fato de *ser-no-mundo* enquanto corpo, mas também por que a espacialidade é fundante em seu ser.

Falar em existência é, portanto, falar em experiência, pois **a existência se estrutura a partir de experiências mundanas**. Desse modo, uma descrição das relações existenciais estruturantes do *Dasein* é também uma exposição do espaço geográfico onde essas relações acontecem. Ao perguntarmo-nos **onde essas relações são produzidas** chegamos a uma resposta um tanto aberta, pois toda relação é produzida em algum lugar, seja ele aqui, ali, lá ou em qualquer outro lugar (BERNARDES, 2016).

Dito isso, compreendemos que as relações existenciais estruturantes dos nossos modos de ser são acontecimentos no (“no”, no sentido de “em o”, do latim *innan*, de habitar) espaço geográfico e tais momentos constitutivos da existência se dão sempre no lugar onde esse ente se encontra enquanto *ser-situado* (DARDEL, 2011). Sendo assim, os lugares onde nos encontramos ou ainda encontraremos são nossa história.

Ao tratarmos de lugares, podemos os considerar onde ocorre a experiência do humano que descobre e desvela o mundo, do *Dasein* que é lançado ao mundo e alça seus projetos. Portanto, lugar é aqui e lá. É o trajeto que fazemos durante uma viagem, bem como é o destino para onde estamos viajando. Ele remete ao ser e este é situado mundanamente, ou seja, é *ser-em-situação*. Lugar, assim, é também o próprio *ser-no-mundo*.

Lugar é o próprio *ser-no-mundo* porque o ser é sempre situado (*ser-em-situação*). Em situação o ser não é afastado do mundo, pelo contrário, ele é o ser e o mundo ao mesmo tempo (*ser-no-mundo*). *Sendo-em-situação* o *Dasein* entre outros modos de ser é *ser-com*, isto é, na co-presença de *Outros* dotados do mesmo modo de ser (HEIDEGGER, 2015).

Diante disso, é sob a circunstancialidade da existência fática, em presença, do *Dasein* e dos *Outros* que os lugares são possíveis. Então, um lugar só se configura como o

que é em decorrência da circunstancialidade que promove sua singularidade. Com isso, o lugar é uma circunstancialidade, como frisado por Marandola Jr (2014):

[...] pensa-lo enquanto circunstancialidade. Não porque essa ideia enceta toda sua complexidade, mas porque é uma abertura para compreendê-lo enquanto eventualidade relativa: uma posição e uma situação que enfatiza o sentido relacional do ser-e-estar-no-mundo, ao mesmo tempo que dá o devido peso à realidade fenomênica do ser-aí e sua espacialidade. (MARANDOLA JR, 2014, p. 230)

A partir desta concepção o autor traz a reboque as estruturas existenciais do *ser-com* e do *ser-entre* elaboradas por Heidegger (2015),

O ser se constitui, portanto, por essa circunstancialidade composta pelos entes (as coisas do mundo) e os seres, os quais se dispõem de determinada maneira relacional. É a partir desse entendimento que Heidegger pensa o estar-com e o estar-entre características do ser-aí, que se constitui a partir dessa posição relativa circunstanciada. Somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em dado espaço temporalizado. (MARANDOLA JR, 2014, p. 234)

Essa circunstancialidade abre espaço para pensarmos os lugares do mundo a partir das características próprias do *Mitsein*, ou seja, a partir da cultura de cada comunidade humana. Pensar o lugar enquanto circunstancialidade é uma abertura para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais de nosso tempo. Portanto, a circunstancialidade é a eventualidade que permanece em aberto, é um eterno vir-a-ser que se faz à medida que o tempo se torna temporalidade, o corpo se constrói como corporeidade e o ser *existe-no-mundo*.

Na circunstancialidade da vida cotidiana o *ser-com* se manifesta na ocupação do mundo e na preocupação como modos de ser do *Dasein*. Para Heidegger (2015) o *Dasein* se ocupa do mundo e das coisas que vem ao seu encontro a partir do sentido utilitário, como coisas à mão, instrumentos para serem utilizados. Já a preocupação é um dos modos em que o *Dasein* se relaciona com o *Outro*, podendo ele se preocupar tanto com o *Outro* a ponto de se ocupar das tarefas dele. Enquanto *Mitsein* o *Dasein* vive sempre em comunidade (*ser-uns-com-os-outros*), sendo essa, histórica e social. Ele é sempre *ser-com*, a preocupação e a ocupação só ressaltam essa característica originária da existência.

Ser-no-mundo, os outros e as territorialidades

É necessário frisar a inevitável presença do *Outro*, pois é a partir dela que não só as circunstancialidades dos lugares, mas também, as territorialidades da existência se fazem presentes. **Mas, qual a relação entre territorialidade e lugar? Qual a participação do *Outro* nessa questão?** Holzer (2013, p. 24) indicou que as territorialidades são a essência do próprio território, pois ela é dotada de qualidade e, por consequência, é o que nos possibilita a experiência do território.

Lembramos que pensar a experiência é pensar o *Dasein* e sua relação com o mundo pois ele se constrói a partir de experiências mundanas (CARDINALLI, 2012). Portanto, ao buscarmos a territorialidade estamos buscando a sua experiência, ou seja, nessa circunstancialidade há o adensamento no *Dasein* que a experiência. Pensar a territorialidade enquanto experiência e não o território enquanto categoria que abarca todos os modos possíveis é abandonar os universais e propor o desvelamento dos fenômenos sociais e culturais que se mostram a partir das territorialidades e experiências.

Compreendemos, então, que a territorialidade é uma circunstancialidade especificamente vivida. “Os territórios se apresentam como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo de um indivíduo, a partir dos lugares” (HOLZER, 2013, p. 25). O *ser-em-situação* é no espaço geográfico enquanto *Mitsein* e compartilha com o seu grupo humano a ocupação de territorialidades. Para Holzer (2013), a territorialidade enquanto modo de ser dos territórios, é uma relação cultural compartilhada entre um grupo e uma trama de lugares.

Os territórios, nesse sentido, estão sempre relacionados com os diferentes lugares que compartilham sua territorialidade, no sentido de acolhê-la ou não. Territórios enquanto experiência também são lugares. Nesse sentido, Holzer (2013) adverte que,

Esses territórios não constituem um todo coeso e uniforme, na verdade compõem, como propõe Bonnemaïson (1981), arquipélagos de lugares determinados pelas lugaridades individuais e de grupos, cuja fluidez varia segundo a mobilidade que possuem. (HOLZER, 2013, p. 26).

Pensar território enquanto experiência é, também, pensar o lugar. Todavia, tensionar a territorialidade é buscar a compreensão da circunstancialidade dos lugares que formam determinada territorialidade. Considerando a circunstancialidade não só mantemos

o lugar como construção contínua, bem como permitimos que a territorialidade se expresse em termos de experiência, ou seja, *ser-em-situação*.

No futuro, o lugar apresenta-se como espaço excedente, que remete à consciência de território. Por isso, o espaço externo como projeto realiza-se como território da consciência, no próprio momento que ela transcende. (SILVA, 1986, p. 84).

Não muito distante das considerações de Holzer (2013), Silva (1986) relacionou o lugar e o território aos projetos de ser. Trata-se de um fenômeno posto para discussão que só pode ser considerado com o *ser-em-situação*, na circunstancialidade. Silva (1986) considerou o lugar como espaço excedente ao considerar o projetar, o por vir. Assim, O território emerge existencialmente e os experienciamos pelo e no projetar. Ora, mas como? Para responder isso é necessário tomarmos a assertiva de Silva (1986) por partes, primeiro o projetar e depois a territorialidade. Para tanto, tomamos a concepção de Heidegger (2015) para projeto (*entwurf*):

O projeto pertence à constituição de ser da presença: do ser que se abre para o seu poder se. Como um em compreendendo, a presença pode compreender-se tanto a partir do “mundo” e dos outros entes quanto a partir do seu poder-ser mais próprio. Esta última possibilidade diz: a presença abre-se para si mesma em seu poder-ser mais próprio e como tal. (HEIDEGGER, 2015, p. 292)

Sartre (1997, p. 612-613) está em acordo com Heidegger (2015) quanto ao projeto como estrutura do *Dasein*, “isso porque a única força do passado lhe vem do futuro: qualquer que seja a maneira como vivo ou avalio meu passado, só posso fazê-lo à luz de um projeto de mim sobre o futuro”.

Retomando a assertiva de Silva (1986), notadamente, que “o espaço externo como projeto se realiza como território da consciência”, é possível entender que a consciência ou o *Dasein* se projeta no mundo como *poder-ser* e define uma certa relação de alteridade entre o ser e o ente pelo reconhecimento de diferentes intencionalidades. De que maneira? Pela manualidade e pela ocupação. Pela manualidade, pois “no ‘aqui’, o *Dasein* que se empenha em seu mundo não se dirige para si mesma, mas de si mesma para o ‘lá’ de um manual da circunvisão, aludindo, porém, a si na espacialidade existencial”. (HEIDEGGER, 2015, p. 175-176). Na ocupação, pois “ao mesmo tempo, esta apropriação do ente na manualidade lhe concede o seu caráter de espacialidade. Por outro lado, a totalidade conjuntural mostra

como a presença arruma espaço através da abertura antecipativa da circunvisão da ocupação (FERREIRA, 2010, p. 118).

Pela manualidade e ocupação o *Dasein* pode experienciar a intencionalidade e o sentido de ser do objeto.

[...] porque a intencionalidade é um objetivo, mas é igualmente uma doação de sentido [...] O sentido do mundo é assim decifrado como sentido que eu dou ao mundo; mas tal sentido é vivido como objetivo, descubro-o, de outra forma não seria o sentido que o mundo tem para mim. (LYOTARD, 2008, p. 38-39)

A intencionalidade entendida como uma doação de sentido é considerada tanto como um *poder-ser*, projeto, ou como as intencionalidades atribuídas aos entes. A ocupação e a manualidade revelam o mundo e constituem sua mundaneidade quando o *Dasein* espacializa os entes em geral. Ele organiza e atribui significados aos entes em geral enunciando sua espacialidade. Há um processo de fundamentação recíproca em que se humaniza o mundo, ao mesmo tempo em que se mundaniza o *Dasein*.

É também pela ocupação e manualidade que é possível a caracterização ontológica e existencial da mundanidade do mundo e que podemos abordar a estrutura do *ser-no-mundo* por meio do *ser-em* e *ser-com*.

Os “outros” não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está. Esse estar também com os outros não possui o caráter ontológico de um ser simplesmente dado “em conjunto” dentro de um mundo. O “com” é uma determinação da presença. O “também” significa a igualdade no ser enquanto ser-no-mundo que se ocupa dentro de uma circunvisão. “Com” e “também” devem ser entendidos existencialmente e não categorialmente. À base desse ser-no-mundo determinado pelo com, o mundo é sempre mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros. O ser-em-si intramundano desses outros é a copresença. (HEIDEGGER, 2015, p. 174-175)

Com isso, a territorialidade não pode existir *per si*, numa estrutura solíptica de ser. É necessário o *Outro* para que haja a territorialidade e o território. A experiência com o *Outro* é, também, experiência de territorialidade, à medida em que ela é experienciada como alteridade e intencionalidade. Assim, enquanto existir o *Outro*, os territórios existirão, pois:

A base dessa vida diária cotidiana está na copresença, a qual se dá em circunstâncias social e espacialmente delineadas. A copresença define lugares, comunidades e instâncias sociais fundadas no local, ao mesmo tempo que retroagem nas instituições sociais, interferindo, portanto, na organização macroestrutural da sociedade. (MARANDOLA JR., 2014, p. 238)

A copresença na qual Marandola JR. (2014) alegou ser a base da vida cotidiana também é a base para a existência mesma. Isso, devido ao fato de o *Dasein* ser originariamente *ser-com*. Esse, enquanto existencial, exige que consideremos o *Dasein* sempre em relação aos *Outros* que com ele vivem o mundo. O caráter de *ser-com* inerente à existência humana exige que retornemos às questões da ocupação e manualidade sob outros termos, agora considerando o *Mitsein*, como grupos e comunidades. Ainda na estruturação da existência há o existencial *ser-uns-com-os-outros*, que nos remete diretamente ao *Mitsein* e como a própria compreensão que temos do “Eu” é derivada das experiências que temos com os *Outros*, ou seja, nosso *ser-com*. Heidegger (2015) aponta que existir como *Mitsein* pode nos tornar próprios ou impróprios, entendemos então, que a existência com o *Outro* é constante e inevitável na existência fática.

O *Dasein* que se ocupa do mundo através de seus projetos existenciais, existe enquanto cumpre suas ocupações. Este, como já vimos, é caracterizado como *ser-no-mundo* em decorrência da indissociabilidade entre *Dasein* e mundo. Por outro lado, o *Dasein* do modo como nos referimos está sempre em relação com os *Outros* e reconhece a si mesmo à medida que esses *Outros* o compõe tornando-o mais próprio ou impróprio de si mesmo. Diante disso, a seguinte pergunta é cabida: **como o *Dasein* se relaciona com o *Outro* na ocupação mundana?**

O caráter de *ser-com* do *ser-no-mundo* impõe a esse a alteridade constante, portanto nos impede de compreender todo e qualquer projeto do *Dasein* como uma ação isolada que não esteja relacionada com os *Outros*, haja vista que *existimos-uns-com-os-outros*. Todavia, a explanação da inevitável relação do *Dasein* com os *Outros* não esclarece *per si* a relação entre ocupação e manualidade. Sendo assim, é necessário voltar à ligação entre os termos citados e a aparência do *Outro* nessa conjuntura.

No mundo, o *Dasein* encontra os entes que o circundam, lá estão os entes destituídos de mundo, os objetos passíveis de ocupação e há, também, os entes intramundanos, os *Outros*. Os *Outros* não estão jogados no mundo como objetos para serem

ocupados e usados, pelo contrário, eles possuem as mesmas angústias e incertezas do *Dasein*, pois em seu modo de ser *existem-no-mundo* da mesma forma que ele. Portanto, o *Dasein* se ocupa (ocupação) para os entes destituídos de mundo e o ser se *preocupa* com os *Outros* (*ser-com*) (HEIDEGGER, 2015).

A preocupação não se restringe apenas às ações positivas e empáticas para com o *Outro*, pelo contrário, *preocupação-com* ressalta os diferentes modos pelos quais o *ser-com* possibilita que o *Dasein* lide com o *Outro*. A *preocupação-com* nos possibilita compreender tanto os atos de indiferença quanto de empatia, pois ambos os modos de ser, são possibilidades mostradas a partir da liberdade que os projetos concedem enquanto poder-ser.

Desse modo, a territorialidade sob a ótica da experiência não pode ser compreendida sem a relação com o *Outro*. O território é agenciado não só em termos de delimitação física de um espaço, até porque, na maioria das vezes, os territórios não têm limites demarcados materialmente, pois as relações de *ocupação* e de *preocupação* nos mantêm vinculados *uns-com-os-outros* pela e na vida cotidiana. Poderíamos dizer, por exemplo, que a intencionalidade projetada em ações que mantêm pessoas em conjunto, formando comunidades é um modo de *preocupação-com* que faz com que as pessoas se relacionem e se organizem nesses grupos. A *ocupação*, nesse sentido, pode ser compreendida enquanto caráter utilitário que se refere aos objetos. Portanto, *ocupação* e *preocupação* enquanto determinações ontológicas permitem uma gama de agenciamentos e territórios e, portanto, de territorialidades.

A territorialidade enquanto experiência nos permite revelar as intencionalidades que os territórios enquanto projetos carregam em seus agenciamentos. *Ocupação* e *preocupação* se revelam tanto como o modo como territórios se expressam quanto as relações materiais que, por sinal, não deixam de ser humanas e, portanto, características do *Dasein*. *Ocupação*, *preocupação* e todas determinações ontológicas da estrutura do *ser-no-mundo* circunscrevem os projetos existenciais do *Dasein* e, desse modo, compõe as circunstancialidades que cada território promove ao se expressarem como territorialidades.

É a partir desta concepção de lugar e territorialidade como experiência e pelo modo de ser aberto da circunstancialidade dos lugares que a fenomenologia pode nos ajudar a entender os territórios.

O outro: território e fronteira

Os territórios sob a perspectiva da experiência exigem que pensemos no ente que experiencia determinado território e sua respectiva essência. Holzer (2013) nos coloca que a essência pode ser compreendida como a fronteira e a territorialidade. Podemos dizer que entre fronteiras o *Dasein* experiencia diferentes territorialidades. Todavia, outras pontuações devem ser feitas acerca da fronteira para esclarecer melhor as experiências de território.

A fronteira enquanto essência é o meio de expressão do território. A fronteira mesma dá nome ao território, o diferencia dos outros e o faz ser único. Ela é o próprio território à medida que ele precisa da fronteira para existir. O território “A” e “B” só são possíveis como projeto diferentes, a fronteira os distingue. A fronteira é, assim, a qualidade primeira do território. O fato da fronteira os distinguirem não os coloca como coisas dissociáveis, pelo contrário, a fronteira como limite é o início de algo e não o seu fim, pelo menos assim era para os gregos antigos, como Holzer (2013) nos lembra.

O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência. Isso explica por que a palavra grega para dizer conceito é *ορισμός*, limite. Espaço é, essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. (HEIDEGGER, p. 6, 1976)

A fronteira é o limite. Limite é o início. É na fronteira enquanto limite que todos os elementos se encontram nessa circunsntancialidade. Sendo assim, concordamos que é na fronteira que o encontro se efetiva, que os diferentes se olham, a fronteira é o lugar desse encontro, pois nela todos estão. Ela se revela, assim, como o lugar onde as coisas convergem, como a ponta da lança (SARAMAGO, 2014).

É na própria fronteira entre o “*Eu*” e o “*Outro*” que o modo de *ser-com* surge mediando as relações humanas, inclusive os agenciamentos dos territórios vividos. Encontrando o *Outro* na fronteira nos tornamos parte desse *Outro* e ele parte de nós, sendo mais próprios ou impróprios (HEIDEGGER, 2015). Existindo enquanto face ao *Outro* compartilhamos modos de ser e estar no mundo, experienciamos territorialidades em comunidade (HOLZER, 2013).

Portanto, o território enquanto experiência deve ser compreendido pela *preocupação-com* possibilitada pelo *ser-com* e *ser-uns-com-os-outros*, pois, assim é possível

compreender a territorialidade expressada por ambos os entes que agenciam esse território, ou seja, pelo modo como cada *Dasein* compõe e experiencia determinado território. Em cada territorialidade há diferentes lugares (HOLZER, 2013), onde o *Dasein* se apresenta mundanamente e se constitui enquanto corporeidade.

Todavia, a *preocupação-com* como projeto possibilita fatos positivos e negativos do *ser-com*. Por exemplo, quando o *Dasein* se isola no mundo ele não está existindo sozinho, só há a possibilidade de se sentir sozinho porque o *Outro* existe e o abandona ou o *Dasein* se isola. Por outro lado, viver em conjunto só é possível pela *preocupação-com* enquanto determinação existencial que promove o senso de comunidade. Porém, uma comunidade nem sempre tem em seu modo de ser um projeto benéfico de *ser-com*.

Um *Dasein* que trata o *Outro* com indiferença, por exemplo, não se apossa dele de modo unitário e o exclui, pelo contrário, em seu modo de *ser-com* ele se projeta enquanto ser que indiferencia o *Outro* e o coloca no lugar do indiferente: não é que não exista a relação, mas sim uma relação de indiferença e ambos a experienciam. Sendo assim, ambas corporeidades são fruto dessa relação entre *Um* e *Outro*.

Sustentar o pensamento da fronteira é situar o *Dasein* em relação com o *Outro* e, portanto, como parte dele e vice-versa, contudo, é também sustentar a diferença que os compõe e exige a fronteira entre o *Dasein* e o *Outro* para que não sejam homogeneizados. Para que cada um continue sendo quem é.

A fronteira é, então, o lugar de encontro a partir do modo de *ser-com*, *preocupação-com* e *ocupação* enquanto momentos constitutivos da existência. A fronteira é a exigência que os territórios fazem do *Outro*, tanto outro território, quanto o *Outro* mesmo. Ela convoca o território enquanto um modo de *ser-com-o-outro* e *ser-uns-com-os-outros* (HOLZER, 2013).

Desse modo, pensar na corporeidade como territorialidade permite que pensemos as fronteiras da existência como o lugar onde esses territórios se agenciam e, também, o lugar onde cada *Dasein* possa ser quem é. Assim, como as fronteiras sustentam a existência de territórios vizinhos e não serem ambos o mesmo, elas possibilitam que cada *Dasein* ocupe um lugar diferente ao se relacionar no território. O lugar permite que cada um experiencie as territorialidades a partir de sua existência. Somos quem somos nos lugares que vivemos entre tantas fronteiras e territórios que atravessamos.

Corporeidade, territorialidade e fronteira

O *Dasein* experiencia o mundo de modo particular e carrega em seu corpo essas experiências que o permeiam durante toda a sua história. **Que corpo é esse das experiências?** Em verdade estamos nos referindo a como esse corpo existe e se constitui a partir das experiências que presencia, como corporeidade (CHAVEIRO, 2014).

Indo além, isso implica em dizer que o corpo que estamos tratando é o fenômeno do existir mundanamente. Portanto, ao nos referirmos à corporeidade nós entendemos um corpo constituído a partir de experiências e não um espaço euclidiano e vazio que guarda a história do *Dasein* como se fosse um receptáculo. Pelo contrário, tratar da corporeidade é compreender o corpo como experiência muito mais no sentido de grafadas, escritas e tingidas nele mesmo, ou seja, como fenômenos sociais inerentes à história desses corpos. As experiências se corporificam sendo corporeidade, ou seja, se tornam parte da história do ente que as experienciam. Tal corpo é compreendido enquanto corporeidade, pois o corpo, enquanto fenômeno, se estrutura a partir de fenômenos sociais, culturais e ontológicos (CHAVEIRO, 2014). As experiências adensadas no corpo, corporificadas, se tornam corporeidade. Não se tornam parte de nós como se fossemos subdivididos internamente, elas se tornam o que nós mesmo somos (CHAVEIRO, 2014). Ser corporeidade é então ser condenado a carregar nossa história e tudo o que vivemos.

Assim, a corporeidade também fundamenta o território. Isto porque a nossa própria existência é corporeidade. Todavia, é na fronteira que tudo começa:

Limites demarcam meu corpo em oposição a outros corpos e coisas, são campos de força, barreiras invisíveis, mais que visíveis. Se determinado grupo de pessoas compartilha mundos comuns, tornados lugares, esses são demarcados para outros grupos, que compartilham outros mundos, como territórios. (HOLZER, 2013, p. 8).

A fronteira é onde há os territórios em que os *Dasein* se fazem presentes uns aos *Outros*, havendo o encontro. A condição corpórea do *Dasein* demarca o seu corpo em relação aos *Outros* dotados do mesmo modo de ser que ele. Como corpo que é, ele experiencia a fronteira enquanto qualidade de sua condição corpórea. Fronteiras também

separam o mundo público do mundo privado, por exemplo. Vale ressaltar que, essa discussão acerca da corporeidade é implícita na filosofia existencial de Heidegger (2015).

Ao abordarmos a “fronteira e o *Outro*” nos remetemos a como a territorialidade, enquanto expressão experiencial do território, traz consigo a alteridade e como o *Dasein* que se territorializa se encontra face ao *Outro* no território agenciado. Discutir territorialidade a partir dos existenciais do *Dasein* é considerar o território a partir de alguns pontos aqui já explicitados, são eles: ser-com, intencionalidade, projeto, ocupação e preocupação.

Nesse sentido, o território é agenciado por todos, pois a fronteira nos impede de compreender o território enquanto uma relação unilateral. O *Outro* experiencia a territorialidade e a fronteira ao se projetar enquanto *ser-com*. A *preocupação-com* nos revela um modo de ser com o *Outro*, a territorialidade e a fronteira. Nesse caso, assumem um caráter de relação, um modo de ser em que *uns-existem-com-os-Outros* e se organizam nessa relação. Experienciando essa territorialidade na fronteira há a corporeidade enquanto experiência grafada no corpo.

A corporeidade e a territorialidade nas redes sociais virtuais

Estruturar as nossas relações a partir das redes sociais virtuais tem sido cada vez mais comum. Pessoas trabalham, se relacionam amorosamente e sexualmente via Internet, isso quer dizer que nossas experiências não podem ser medidas única e exclusivamente pela régua do objetivo e material.

Isso posto, torna-se necessário fazer uma outra pergunta: **as experiências se dão pela Internet, elas também nos constituem?** Antes de esboçar uma resposta, de antemão reconhecemos que quando falamos de corporeidade e, portanto, da constituição existencial do *Dasein*, uma tela de *smartphone* ou *notebook* não é o limite para determinar o fim da possibilidade de experienciar o mundo. Muito mais que um fim, a Internet enquanto um modo de relação tem se mostrado como potência, ou melhor, tem potencializado novas formas de se relacionar.

Desse modo, há diferenças e semelhanças entre os dois modos de se relacionar face-a-face (pela Internet e em presença). Em trabalho junto de Sposito (2009, p. 24) foi apontado que, “A relação face-a-face trata-se de uma relação de ser”. A relação face-a-face traz a reboque, então, os entes que se constituem nessa relação. Que entes são esses? Ora,

ao citá-los nos referimos ao ente que tratamos desde o início desse ensaio: os entes dotados do modo de ser do *Dasein*.

Existindo face-a-face, em presença, o *Dasein* existe sempre em relação ao *Outro* que se encontra com a face frente à sua. O ente que só existe em relação. Já expusemos os momentos fundamentais estruturantes da existência e, anteriormente, pontuamos os modos de ser desse ente que o faz encontrar os *Outros* na facticidade do existir. A relação face-a-face é um modo de ser, inerente ao *Dasein*.

Sendo assim, para pensar as relações pela Internet tomamos como parâmetro as relações em presença, enquanto um encontro com o *Outro*, ou seja, um modo de *ser-com-o-Outro* que é dotado do mesmo modo de ser que o *Dasein*, isto é, uma possibilidade de experienciar mundo através da relação com o *Outro*. As relações pela Internet são mediadas por linguagens, mas isso não exclui o fato que as relações em presença também o são (BERNARDES E SPÓSITO, 2009). Então, qual é a diferença?

Há diferenças e semelhanças entre esses modos de *ser-com* para cada uma destas relações. A diferença se fundamenta na presença quando nos referimos às relações face-a-face. Já as relações mediadas pela Internet se baseiam em uma espécie de presença-ausência. Em ambos os casos o *Outro* aparece com tanto protagonismo quanto o *Eu*. Isso, pois a própria noção que o *Eu* tem de si só é possível a partir de um mundo experienciado com o *Outro*:

“A relação face-a-face trata-se de uma relação de ser. Como fora exposto, o outro deve fundamentar o ser do homem. O outro é aquele que aparece à consciência como não sendo eu. Enfim, é pela objetividade que percebemos o outro. É desenvolvendo estas ideias de Sartre, que Silva afirma que a comunicação da informação indica a possibilidade da intersubjetividade. Contudo, para as relações virtuais, a presença do outro não se faz objetiva e tampouco material. O outro é conjectural e a relação ocorre por meio do uso de determinada linguagem. A informação é objetivada normalmente na tela e a informação desta comunicação perpassa o uso de diversas linguagens. (BERNARDES E SPOSITO, 2009, p. 24)

Mediado pelas relações de Internet encontramos o *Outro* e nos relacionamos com ele como se estivéssemos presentes. Estamos, mas não estamos presentes, a presença-ausência estrutura essa relação de intersubjetividade e enfatiza a não presença do corpo e da corporeidade. Ao faltar corpo e corporeidade nesta relação, falta também todas as possibilidades de diálogo pela presença. O corpo e a corporeidade são conjecturais, assim como a Minha situação e a do *Outro*. Deduzo o *Outro* por que me comunico com ele por

meio de um computador ou *smartphone* e inversamente.

As diferenças entre esses modos de se relacionar são inúmeras, mas ao nos referirmos ao modo de ser dessas relações é fundamental diferenciar o caráter da presença e presença-ausência. Diferenças marcam as corporeidades e territorialidades virtuais. Diferenças são fundamentais para os territórios, demarcam as especificidades de cada um. O que marca a diferença entre os territórios é a fronteira, como já vimos. Então a fronteira entre ausência e presença é o que une o modo de experienciar o mundo com o *Outro* através da Internet.

A fronteira entre presença e ausência nos permite experienciar o mundo intersubjetivamente a partir das relações estabelecidas virtualmente. Não experienciamos a Internet como se pudéssemos sair de nosso corpo e viajar para um outro lugar, a Internet enquanto relação de presença-ausência permite que experienciemos mundo com os *Outros* através das relações intersubjetivas mediadas pela linguagem virtual.

Na relação de presença-ausência os entes se relacionam na e pela linguagem, se compondo enquanto entes que experienciam o mundo em conjunto. A Internet, assim, não é lugar e sim um modo de se constituir encontrando o *Outro* pela linguagem. Nesse encontro temos uma circunstancialidade especificamente para cada ocasião.

A circunstancialidade proporcionada pelo encontro desses entes possibilita a fronteira – encontro de diferentes. *Sendo-e-estando-no-mundo* os entes se mundificam em relação uns aos outros, se constituem face-a-face. A Internet aparece como mediação das relações humanas, ou seja, modo de *ser-uns-com-os-outros*.

O *Dasein* como ente que se encontra sempre face-à-face ao *Outro* se projeta nas redes sociais virtuais, não como alguém que viaja para algum lugar fora de seu corpo. Pelo contrário, na cadeira onde ele se localiza ele se projeta enquanto ser, se relacionando com o *Outro*. O *Dasein* se projeta a partir de intencionalidades e volições. Intencionalidade carregada de objetivos que direcionam esse ente para seus encontros. O *Dasein* que encontra o *Outro* pelas redes virtuais possui intencionalidades e projetos e as lançam nelas.

O encontro proporcionado pela linguagem se efetiva pela Internet enquanto modo de se relacionar e, assim, modo de ser, haja vista que somos sempre em relação. A intencionalidade que o lança no projetar-se em direção ao *Outro* ou em direção do *Outro* nos revela a territorialidade decorrente desse modo de *ser-com*. A partir de toda a caracterização que fizemos do modo como buscamos compreender território, fronteira e territorialidade é

impossível considerarmos a Internet enquanto um espaço a ser preenchido, pois a estrutura constitutiva do *Dasein* não permite que ele saia de seu corpo e se aventure nesse “lugar”.

O *Dasein* em toda a sua forma de espacializar-se no mundo não pode sair de sua condição corpórea, assim, jamais poderia **ter** a experiência da Internet enquanto lugar. Todavia, a Internet enquanto relação de presença-ausência permite que a experiência a partir do lugar e de sua situação, pois ela é relação, onde presencialmente ou não, um se põe face ao outro.

Existindo face-a-face esses encontros se dão. Nas inúmeras fronteiras da existência, a territorialidade enquanto modo de ser território pode se compor a partir de diferentes projetos – intencionalidades. Desse modo, território na perspectiva que buscamos está muito mais relacionado com o verbo “**ser**” do que o verbo “**ter**”, pois *sendo-com-o-Outro* nos projetamos com diferentes intencionalidades tendo, obrigatoriamente, que nos rearranjarmos em territórios e fronteiras, ou seja, agenciamos nossas relações com os *Outros*.

Ser-e-existir-no-mundo é condição inerente ao ente dotado do modo de ser do *Dasein*. Portanto, ser território é experienciar o mundo a partir dos encontros e desencontros proporcionados pelas fronteiras levantadas face-a-face. Fronteiras não necessariamente separam, mas permitem que dois sejam dois e não um. A linguagem então os une, seja pela concordância ou discordância e, portanto, os coloca face-a-face, um fazendo fronteira ao *Outro*.

A relação de presença-ausência potencializada pela Internet enquanto modo de relação entre os entes permite que sejam não só um território, mas muitos. Isso, pois possibilita diferentes modos de se relacionar e projetar face ao *Outro*. Negociando suas intencionalidades e volições à medida que agenciam as próprias relações que se dão no encontro com o *Outro*.

Portanto, corporeidade, territorialidade e relações virtuais se encontram devido sua relação com o verbo “**ser**”. *Ser-no-mundo* é ser corporeidade enquanto laço de produção da existência (CHAVEIRO, 2014), relações virtuais são modos de nos relacionarmos com o *Outro*, ou seja, *ser-com*. Territorialidade, assim, não é nada além da experiência dos agenciamentos que fazemos com o *Outro* ao nos encontrarmos nas fronteiras da existência, nos relacionando face-a-face com nossos projetos e intencionalidades, virtualmente ou não, nos mediando pela linguagem.

Territórios a serem desbravados...

O território como experiência possui como uma de suas bases as relações que estabelecemos com o *Outro*. Pode ser pelo reconhecimento das intencionalidades dos objetos que o *Outro* lhe atribuiu, as reconhecemos pela manualidade e ocupação, e, pode ser pelo *Outro* em presença, por sua corporeidade factível. Em ambos os casos há o encontro com o *Outro* e o território não pode ser considerado a mercê disto.

A epistemologia do conceito ou categoria de território, dependendo da forma de abordagem do autor, possui uma história em que, pela própria característica do empreendimento científico, o considera sob particulares e universais em que se destaca as relações de poder e o conflito. Como foi frisado no início deste ensaio, mas não nos resta dúvida que ao considerarmos o território sob a ótica da experiência percebemos que o poder pode ser abordado em *redução* pelas intencionalidades, mas o conflito não pode considerado como *a priori*. Há o encontro e o conflito pode ser uma das formas de relação com o *Outro*, mas não a única. A corporeidade como fronteira não estabelece necessariamente o conflito quando nos aproximamos do *Outro*. *Ser-com* é antes de tudo ser o *Outro*.

Sendo o que somos a partir dos encontros com os *Outros* já somos em nós mesmos territorialidades, haja visto que todas as experiências vividas são grafadas no corpo enquanto geografia que se faz presente em nossa corporeidade. A territorialidade é trazida aqui de modo que evitemos generalizar a concepção de território, como alguns trabalhos fazem ao superestimar o conflito, ao entender que este constitui dialeticamente o fenômeno. Pensar em territorialidade permite que pensemos nos diferentes modos de ser território e, assim, em sua essência. Esta, comparecendo como fronteira, como lugar de encontro.

É por meio do encontro proporcionado pela presença ou presença-ausência do *Outro* que agenciamentos, negociações e combinados precisam ser feitos entre os entes que se encontram nas fronteiras da existência. Pondo-se em presença ao *Outro* é necessário mediar essa relação com projetos e intencionalidades diferentes. Agenciar os modos de ser com o *Outro* é existir com ele. Experienciar mundo face-a-face já é em si mesmo o encontro de fronteiras. As fronteiras são as essências dos territórios (HOLZER, 2013).

Referências Bibliográficas

BERNARDES, Antonio; SPOSITO, E. S. Internet, ser e espaço: pressupostos de fenomenologia ontológica estrutural. In: **Formação** (Presidente Prudente) , v. 1, p. 17-27, 2009.

BERNARDES, Antonio. O Dasein que somos na pesquisa em Geografia. In: **Revista Geograficidade**. Niterói, v. 6, n. 2, 2016.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Daseinsanalyse e esquizofrenia um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Escuta, 2012.

CHAVEIRO, E. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-280.

EVANGELISTA, P. E. **Psicologia Fenomenológico-Existencial: A prática psicológica à luz de Heidegger**. Rio de Janeiro: Juruá, 2013.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. **Síntese – Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 37, n. 117, p. 107-123, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar**. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback.

HOLZER, Werther. Sobre Territórios e Lugaridades. **Cidades (Presidente Prudente)**, v. 10, p. 18-29, 2013.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARANDOLA, JR. Eduardo. O lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia e Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997